

# Márcia diz que esperava as sentenças da Justiça

A decisão do TRE de casar o registro da candidatura de Márcia Kubitschek à Constituinte, assim como o pronunciamento do TSE logo em seguida - que concedeu liminar a ela, autorizando-a a participar dos comícios - não surpreendem a candidata. Para ela, o TRE apenas acompanhou sua tendência inicial durante todo o julgamento, e o Tribunal Superior Eleitoral fez o mesmo, pois anteriormente ele já havia se pronunciado a favor da candidata por unanimidade.

— O que vai acontecer agora eu não sei, pois não estou na cabeça dos juízes. Mas acredito que eles serão coerentes com a sua posição ao julgar os dois recursos impetrados por meu advogado. Eu confio na justiça brasileira e nos homens que participam da mais alta corte de Justiça Eleitoral do País. Reafirmo as palavras do meu advogado, Célio Silva, de que se houve alguma irregularidade não foi culpa minha. Eu segui à risca as instruções do cartório de Brasília - afirma Márcia.

Uma coisa é certa: as emoções da sexta-feira não abalaram a disposição de Márcia de continuar com sua campanha. Ontem pela manhã, ela mal levantou e já tomou o rumo de Brasília, onde na Vila São José foi inaugurado um posto

de saúde. Enquanto comia um pedaço de pão no carro - não teve tempo de fazê-lo em casa - ela comentou os últimos acontecimentos. Havia acordado tarde porque dormiu já de madrugada, atendendo os telefonemas de solidariedade que chegavam a seu apartamento, na SQS 113.

— Eu acompanhei a tudo como se acompanha um evento importante na vida da gente na companhia de minha mãe. Nós já passamos por muitos momentos difíceis, de muitas injustiças, mas também tivemos outros de profunda felicidade, principalmente acompanhando a carreira política de meu pai. Mas são os momentos tristes que dão uma preparação maior para a vida. Nesse processo todo que envolveu a campanha eleitoral, já chegando ao fim, tive momentos dolorosos, mas se tivesse que voltar atrás e fazer tudo de novo, eu o teria feito - diz Márcia.

Todos esses acontecimentos também causaram uma profunda revolta nela. Márcia está convencida de que foram motivos políticos que levaram o Partido da Juventude a tentar barrar sua candidatura - "isso é óbvio" - diz ela. "Se eu me chamasse Márcia de Oliveira, Márcia da Silva Xavier, não teriam feito o que fizeram. Não quero dizer que a justiça tenha agido de forma política, mas

os impetrantes, sim, agiram por interesses políticos".

Márcia afirma que poderia ter se candidatado por Minas Gerais, onde seria eleita até sem fazer campanha, e nada disso teria acontecido. Mas preferiu Brasília "por necessidade de participar do que papai criou". Ela diz sentir por Brasília um carinho "como se fosse por um membro da família; uma criança que você vê os primeiros passos, acompanha o crescimento, o desenvolvimento. Ela nasceu do nada para ser o que é - um foco de civilização no cerrado".

Márcia está confiante de que "o povo sabe da verdade, sabe reconhecer quem merece seu carinho e amor, e aqueles que agem por interesses próprios". Ela diz que não entrou na campanha pela Assembleia Constituinte pelo desejo de uma posição política, nem de ser conhecida, mas por amor - inclusive tendo, com isso, de ficar afastada de suas filhas, que estão no Rio de Janeiro com a avó dona Sarah.

— O que há de errado em uma pessoa querer trabalhar e ajudar na medida de suas possibilidades?", pergunta ela. "Meu compromisso é com minha consciência, com a promessa que fiz a meu pai e transferi para o povo de Brasília. Qual o pecado disso?"